ALBUM COMEMORATIVO

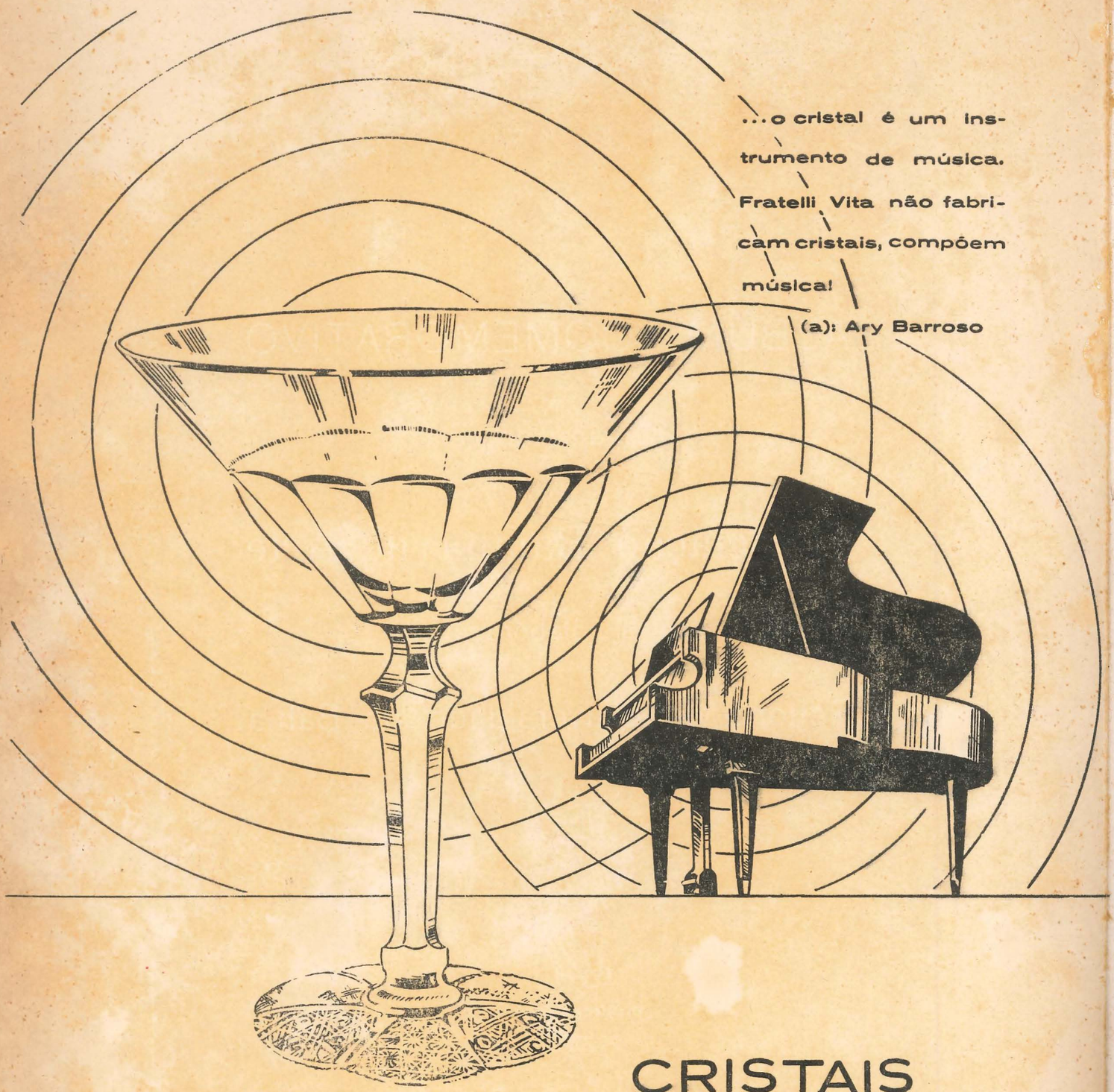
1º Concurso nacional de PIANO na Bahia

ORGANIZADO PELA

ASSOCIAÇÃO BAIANA DE ARTE

com a colaboração da

REITORIA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA



CRISTAIS

Fratelli Vita

FAMOSOS NO MUNDO INTEIRO!

1.º Concurso Nacional de Piano na Bahia

ALBUM COMEMORATIVO

Organizado pela

Associação Baiana de Arte

com a colaboração da

Reitoria da Universidade da Bahia

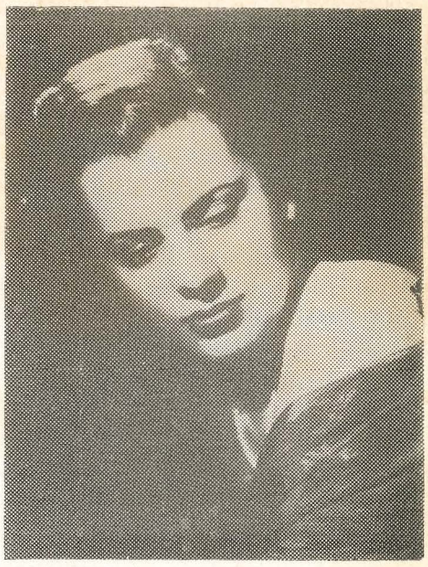
FILANTROPIA E CULTURA

3 a 16 de novembro de 1958

Auditório da Reitoria da Universidade da Bahia

Nair Alves Novais
Diretora-Administrativa

Hebe Machado Brasil
Diretora de Publicidade



Maria Augusta de Oliva Morgenroth
Diretora-Artistica

Associação Baiana de Arte

PÓRTICO

Êste é o momento assinalado de júbilo para nós, da "ASSOCIAÇÃO". É a hora em que, desfraldada a bandeira de nossa marcha artística, vemos a riqueza de seus tons e a imponência majestosa de sua beleza.

A "ASSOCIAÇÃO BAIANA DE ARTE", neste primeiro empreendimento com que inaugura suas atividades culturais, não economisou esforços para prodigalizar à nossa gente, espetáculos de primeiríssima grandeza: o 1.º CONCURSO NACIONAL DE PIANO.

Para a Bahia, gloriosa e decantada pelos mais versáteis e ilustrados filhos seus, está a ABA conclamando as vistas e o interêsse dos brasileiros. Para a nossa terra, palco das mais gloriosas batalhas que a história abriga, onde a Música já constitui alimento da alma, desde o tempo de nossos descobridores, e que, em sua vida musical já teve oscilações que poderíamos interpretar como as diversas fases melódicas da sinfonia, foi justamente para êste pedaço do Brasil, tão grande quanto as linhas geográficas do mapa, que a Associação Baiana de Arte, a cuja frente se encontram tres autênticas brasileiras, atraíu o interêsse do país inteiro. Reúnem-se nesta gloriosa Cidade do Salvador, representantes de catorze Estados do Brasil — nomes de relêvo em suas cidades, detentores de prêmios em outros certames e que, à espera de um ensejo, desejam mostrar a centêlha divina que possúem.

Sentimos, além das justas alegrias, a nobreza do nosso trabalho; reconhecemos nela o incentivo que estamos prodigalizando a essa juventude educada, que, abandonando o aconchêgo de seus lares, o carinho de seus pais, veio até nós perseguindo um ideal. E como muito bem definiu *Nuttin*, "a busca de um ideal constitui a fôrça mais construtiva, mas também, a mais destrutiva que anima o psiquismo humano" O ideal, afirmamos nós, é uma necessidade à vida, porque sem êle não há meta a seguir. Sem êle não há beleza, nem elevação do espírito. Interrogativo é o seu êxito, mas sublime é consegui-lo! Essencialmente sublime!

A "ASSOCIAÇÃO BAIANA DE ARTE" E O SEU PARANINFO, PROF. EDGARD SANTOS

Não é sòmente à Associação Baiana de Arte que o público baiano deve a realização que hoje se inaugura. Deve-o, consideràvelmente, ao Magnífico Reitor da Universidade da Bahia — prof. Edgard Santos — cuja tenacidade administrativa lhe tem valido a glória de ser extremamente querido e admirado no ambiente cultural e artístico da Bahia. A êle, pois, devemos todos êste espetáculo, proporcionado pelo nível artístico a que assomamos. Porque, não fôra a sua ampla visão, a sua capacidade de dirigir, não possuiríamos nós um panorama artístico como o que possuimos.

A "Associação Baiana de Arte", fundada em meiados de abril, dêste ano de 1958, traçou um plano de atividade artística coincidente com as diretrizes da Reitoria da Universidade e com a Sociedade de Cultura Artística da Bahia. São ambas, sem dúvida, os melhores e maiores órgãos de difusão musical, uma criando legítimos valores e virtuoses da Música, outra, cultuando e educando ouvintes, profissionais ou diletantes.

Para alcançar seu objetivo primeiro, a ABA procurou o prof. Edgard Santos. Consultou-o, auscultou-lhe a opinião e, de logo sentiu o interêsse que despertou no espírito dêsse homem que é um cavalheiro, um artista, um sábio e um dirigente. Êle acolheu o plano da "Associação Baiana de Arte", com um paternalíssimo e cativante carinho, antevendo-lhe o êxito artístico insofismável e hoje confirmado. Ao invés de se fechar, como infelizmente sóem fazer espíritos invejosos e menos esclarecidos, êle tudo facilitou e, mais do que isso, animou, acendeu lareiras no espírito das suas organizadoras, dando o seu apoio integral, moral e material ao trabalho.

Não poderia a A. B. A., diante disso, ser desagradecida a êsse espírito elevado do seu paraninfo, e não lhe ressaltar a fisionomia, muito embora lhe contrariando a modéstia. Mistér demonstrar ao público do Brasil, quem é a figura do Reitor da Universidade da Bahia — o baluarte da cultura artística da Bahia.

Estamos assim, no dia vitorioso em que se inaugura a nossa atividade artística, como primeira etapa da vida da ASSOCIAÇÃO BAIANA DE ARTE. Caminhando em parelelo com a Reitoria da Universidade da Bahia e com a Sociedade de Cultura Artística da Bahia, a A.B. A., que é a *benjamin* da cultura artística desta terra, há de contribuir para maior e melhor elevação da cultura musical da Bahia!

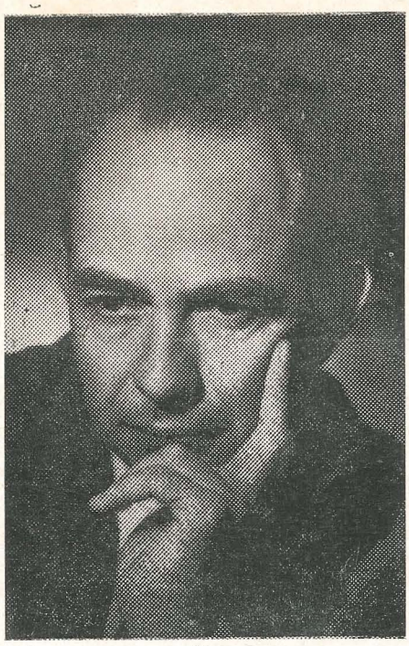
H. M. B.

COMISSÃO DE HONRA

PRESIDENTE

Exm.º Sr. DR. ANTONIO BALBINO DE CARVALHO

GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA



JURI

PRESIDENTE: H. J. Koellreutter, regente e compositor

MEMBROS:

Amazonas — Claudio Santoro, compositor e regente

Bahia — Sebastian Benda, pianista

Rio de Janeiro — Aloisio de Alencar, pianista e compositor
Jeanette Alimonda, pianista

Rio Grande do Sul — Pablo Konilos, regente

São Paulo — Ana Stella Schic, pianista
Souza Lima, pianista, regente e compositor

CONCERTO INAUGURAL DO 1.º CONCURSO NACIONAL DE PIANO NA BAHIA

P R O G R A M A

I PARTE

I — a) ABERTURA DO CONCURSO

b) BREVES PALAVRAS PELO EXM.º SR. MINISTRO PASCOAL CARLOS MAGNO

II — APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS PELA PIANISTA MARIA AUGUSTA DE OLIVA MORGENROTH

III — SAUDAÇÕES AOS PIANISTAS PELO MAGNIFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DA BAHIA — PROF. EDGAR SANTOS.

II PARTE

SYLVIO DEOLINDO FRÓES — I) EVOCATION (Para canto e orquestra).

II) VOIX DU SOIR OP. 18 (Vozes vespertinas).

SCHUBERT — OUVERTURE DE ROSAMUNDE

ORQUESTRA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

Regente: MAESTRO H. J. KOELLREUTTER

Solista: ADRIANA LYS.

COMISSÃO DE HONRA

PRESIDENTE

S. EXCELÊNCIA O SR. GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA: — Dr. ANTONIO BALBINO DE CARVALHO.

MEMBROS DA COMISSÃO DE HONRA

S. EXCELÊNCIA O SR. PREFEITO DA CIDADE DO SALVADOR: — Eng.º HÉLIO FERREIRA MACHADO.

S. EMINÊNCIA REVERENDÍSSIMA DOM AUGUSTO CARDEAL DA SILVA.

S. EXCELÊNCIA O SR. SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA: — PROF. ALOYSIO SHORT.

S. EXCELÊNCIA O SR. PASCOAL CARLOS MAGNO.

S. EXCELÊNCIA O SR. PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BAIANA DE IMPRENSA: — Dr. RANULFO DE OLIVEIRA.

S. EXCELÊNCIA O SR. DIRETOR DO TEATRO CASTRO ALVES: — DR. MÁRIO CABRAL.

HOMENAGEM AOS MUSICISTAS BAIANOS

Exma. Senhora Dona ALEXANDRINA RAMALHO — Fundadora da Sociedade de Cultura Artística da Bahia.

Exma. Senhora Dona MARIA ELIZA VALENTE MONIZ DE ARAGÃO — Pianista e Escritora.

Exma. Senhora Dona MARIA DE LOURDES FREITAS DA SILVA — Diretora do Instituto de Música da Bahia.

Exma. Senhora Dona ONDINA RIBEIRO DANTAS — Crítica musical.

Exma. Senhora Dona ZULMIRA SILVANY — Maestrina, compositora e fundadora do Curso de Música Zulmira Silvany.

Exm.º Senhor Prof. Dr. LUIZ PINTO DE CARVALHO — Crítico musical e Presidente da Academia de Letras da Bahia.

Exm.º Senhor Prof. MANUEL AUGUSTO DOS SANTOS — Diretor do Conservatório de Música de Recife, Pernambuco

Exmo.º Senhor Prof. PAULO JATOBÁ — Diretor da Escola Normal de Música da Bahia.

HOMENAGEM PÓSTUMA

LUIZA LEONARDOS — Pianista e compositora.

HELENA LEMOS BASTOS — Cantora.

HELENA FIGUEIREDO — Musicista

CELESTE DE CERQUEIRA — Cantora.

LEOPOLDINA BASTOS DE ARGOLO — Professora e musicista.

ANTONIO WANDERLEY — Maestro e fundador da Banda de Música da Polícia da Bahia.

PEDRO JATOBÁ — Maestro e fundador da ESCOLA NORMAL de Música da Bahia.

HOMENAGEM À MAIOR PIANISTA BRASILEIRA

Nêste ano de 1958, em que se comemora o jubileu artístico de GUIOMAR NOVAIS PINTO, é que se realiza o 1.º CONCURSO NACIONAL DE PIANO NA BAHIA. Conclave que tem como primordial objetivo incrementar e incentivar o talento pianístico de nossos artistas, não poderiamos, nessa oportunidade, nos esquivar de render significativa homenagem à gloriosa pianista brasieira — nosso patrimônio artístico.

O orgulho que sentimos pela insígne embaixatriz da Música de nossos dias é assaz extraordinário! Faz cincoenta anos que a nossa patrícia vem percorrendo os continentes, como verdadeira e lídima emissária da cultura artística brasileira e sabemos que todos os brasileiros estão coesos para tributarem a Guiomar as homenagens a que faz jús.

Pianista brasileira do século XX, Guiomar Novais tem sido a melhor intérprete dos compositores de todos os tempos, sobretudo dos clássicos e românticos, a que dá a sua alma inteira. Além de se apresentar em recitais que alcançam número extraordinário nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil, Guiomar tem gravado para a posteridade a obra musical dos mestres.

Todos os que a ouvem, sentem, por certo, as emanações de sua alma artista. Guiomar Novais é, além de tudo, um figurino à juventude de nossa época. Que os artistas jovens contemporâneos sigam o exemplo de nossa gloriosa patrícia: tôda uma vida dedicada à Música, embalando espíritos sensíveis aos mínimos acordes que interpreta!

H. M. B.

COMISSÃO DE HONRA

Exm.º Sr. Eng.º HÉLIO FERREIRA MACHADO

PREFEITO DA CIDADE DO SALVADOR

PARANINFO

Exm.º Sr. Prof. Dr. EDGARD REGO DOS SANTOS

MAGNIFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

SILVIO DEOLINDO FRÓES

Nasceu em Salvador, Estado da Bahia, em 26 de outubro de 1864, filho do dr. Salustiano Ferreira Fróes e de sua esposa D. Adelaide Emília De Rutini Von Engenshwartz Fróes e faleceu na mesma cidade, aos 3 de dezembro de 1948.

Foi a mãe a sua primeira mestra de música, estudo que iniciou aos 4 anos de idade e com 10 escreveu a sua primeira composição a que deram os seus, o título de "Música dos anjos".

Matriculou-se em 1882 na Escola Politécnica do Rio de Janeiro onde não poude terminar o curso por ter adoecido da vista. Estudou harmonia no Rio com o maestro Miguel Cardoso. Em 1888 seguiu para a França onde, em Paris, estudou harmonia, contraponto, fuga e composição com Charles Widor que se tornou um de seus maiores amigos e admiradores. Daí seguiu para Leipzig onde estudou com Witt e Karlsruhe e com o célebre mestre de capela Felix Mottl. Viajou através da França Alemanha, Holanda, Bélgica, Suécia, Dinamarca, Suissa, Áustria, Espanha e Portugal. Cursou depois a *École des Travaux Publiques* de Paris e fez um curso por correspondência de Eletricidade na *International School*, de Scraton (Pensylvania) EE. UU..

Fez-se ouvir na Europa em vários concertos e de volta à Bahia, em 1896, fundou o Conservatório de Música anexo à Escola de Belas Artes.

Silvio Deolindo Fróes regeu em Paris as próprias composições executadas pelas orquestras Colonne e Lamoureux. Tocou na Bahia a 4 mãos com Carlos Gomes, por insistência deste, que muito o apreciava, o *duetto* do Guarani.

Casou-se em 1907, na Bahia, com sua prima Ana América, filha de Américo Ribeiro de Souza Fróes e sua esposa Maria Luiza Garcez Fróes, donos do "Engenho Santa Cruz", da Comarca de Santo Amaro. Deixou mais de uma centena de composições inéditas para grande orquestra, violino, piano, harmonio e canto.

(Dados biográficos fornecidos por Estella Fróes, sua filha, licenciada em História, pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.)

Maestro SYLVIO DEOLINDO FRÓES

PATRONO

HOMENAGEM ESPECIAL

Dr. CLOVIS SALGADO
MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

REGULAMENTO DO 1.º CONCURSO NACIONAL DE PIANO

FINALIDADE:

1) — Promover o intercâmbio cultural entre os Estados do Brasil.

2) — Dar oportunidade para que todo o Brasil volte as suas vistas para a Bahia, como um exemplo de elevado nível de cultura artística.

3) — Possibilitar uma maior divulgação da música brasileira.

4) — Estimular o senso de competição entre a mocidade do Brasil.

5) — Revelar os novos talentos brasileiros, abrindo-lhes as portas para uma carreira nacional ou internacional.

6) — Incrementar o turismo artístico e cultural na lendária Bahia, berço das artes brasileiras.

REGULAMENTO:

1) — Poderão concorrer os jovens pianistas de todo o Brasil até 30 anos, ou a completar 31 anos depois do dia 30 de novembro de 1958.

2) — Só serão admitidos os pianistas já laureados em outros concursos nacionais ou internacionais, ou pianistas-concertistas credenciados por críticos e mais 3 cartas de apresentação de artistas consagrados.

3) — Os candidatos deverão inscrever-se até o dia 15 de agôsto de 1958. Para isso são exigidos os seguintes documentos:

a) — certidão de idade ou cópia fotostática da carteira de identidade;

b) — *curriculum-vitae* resumido;

c) — fotostáticas dos diplomas de concursos ou certidões de conservatórios, acompanhados das 3 cartas de apresentação acima referidas. Os candidatos já laureados em outros concursos nacionais ou internacionais, ficarão, porém, dispensados das 3 cartas de apresentação.

d) — críticas e material de publicidade;

e) — 3 fotografias tamanho cartão postal;

f) — programa das provas;

g) — taxa de inscrição — Cr$ 200,00.

PROVAS:

1) — O concurso constará de 3 provas: — *eliminatória,* semi-final e final.

a) — todos os candidatos serão submetidos à prova eliminatória;

b) — só serão admitidos na prova semi-final os 12 primeiros pianistas classificados na prova eliminatória;

c) — só serão admitidos na prova final os 5 primeiros pianistas classificados na prova semi-final;

d) — tocarão com orquestra, em concêrto de gala, os 3 primeiros pianistas classificados na prova final.

2) — O candidato poderá ser interrompido pelo júri, após a primeira metade do tempo da execução que lhe é destinado, caso o júri assim achar conveniente.

3) — A ordem da apresentação dos candidatos será feita, através de sorteio um dia antes do concurso. Novo sorteio será feito para as provas seguintes.

4) — Tôdas as execuções deverão ser feitas de cór.

5) — Tôdas as provas serão públicas.

6) — Será inapelável a decisão do júri.

7) — O candidato que deixar de comparecer a qualquer uma das provas ficará excluido do concurso.

P R O G R A MA

Prova eliminatória: a) — Peça de confronto: — MOZART — Variações da Sonata em lá maior;

a) — uma peça de livre escolha, cuja execução não ultrapasse de 10 minutos.

Prova semi-final: a) — BACH — Prelúdio e Fuga (à escolha);

b) — peça de confronto: — BEETHOVEN — Sonata op. 13 (1.º tempo);

c) — CHOPIN — uma das Baladas, ou um dos Scherzos, ou a Barcarola ou a Fantasia op. 47;

d) — uma peça de autor brasileiro (à escolha);

e) — uma peça (à escolha) de DEBUSSY, ou RAVEL, ou HINDEMITH, ou BARTOK, ou STRAVINSKY, ou SCHOENBERG, ou PROKOFIEV, cuja execução não ultrapasse de 8 minutos.

Prova finals: — 1.º tempo de um concerto para piano e orquestra.

J U R I

1) — O júri será composto de artistas proeminentes, nacionais e internacionais.

2) — Os professores que apresentarem alunos como concurrentes, não poderão fazer parte do júri.

3) — O presidente do Júri não votará, exceto em caso de empate.

4) — O júri votará de acôrdo com o critério que ficar estabelecido um dia antes do concurso.

COMITÉ DE RECEPÇÃO

Presidente: — Exma. Senhora Dona Tsyla Balbino de Carvalho
1.ª Vice-Presidente: — Exma. Sra. D. Enriquêta Bês Machado
2.ª Vice-Presidente: — Exma. Sra. D. Carmem Figueira Santos

Integram o Comité de Recepção as Exmas. Sras. Donas:

Aída Ribeiro Suerdieck
Alice Moniz Silva
Angelita Pereira Moacyr
Anny Wildberger
Antonieta Rios Keibel
Célia Dourado Maia
Chická de Gois Coutinho
Edith Mendes da Gama e Abreu
Eunice Lages de Oliveira
Haydée Pedreira
Henriqueta Catarino
Helena Magalhães Castro
Hildete Baleeiro
Jacy Guimarães
Luzia Dias Benda
Lycia Sá
Margarida Pereira Carvalho
Maria Isabel Gonçalves Angelim
Maria Jesuina Mascarenhas
Marina Pinto de Carvalho
Mayave Valença
Olga Pontes
Veleda Cardoso Barreto
Yolanda Gomes de Seixas

LISTA DOS CANDIDATOS

ALAGOAS

Joel Belo Soares

BAHIA

Fany Bella Solter
Odete Vilas Boas
Sônia Maria Pessoa Goulart

DISTRITO FEDERAL

Artur Moreira Lima
Fernando Lopes
Heloisa Bandeira de Melo
Lenice Costa Rodrigues
Lina Maria de Castro Lobo
Vicky Adler

ESPIRITO SANTO

Isis Costa Mendes

ESTADO DO RIO

Luiz Medalha Filho

MINAS GERAIS

Edmundo Villani Cortes
Suzana Bandeira de Mello

PARAIBA

Antônio Guedes Barbosa

PIAUI

Maria Yedda Caddah

RIO GRANDE DO NORTE

Marluze de Almeida Romano

RIO GRANDE DO SUL

Norma Appel Bojunga

SANTA CATARINA

Velma Virginia Richter Pinheiro Machado

SÃO PAULO

Edda Fiore
Eico Suzuki
Estella Schwarts
Ezequiel Moreira Lima
Fernando Miguel Pacheco Chaves
Ilza Araujo Antunes
José Eduardo Martins
Lais de Castro Kauffmann
Maria Eliza Figueiredo
Norma Sylvia Ferreira Pinto
Sônia Alves Muniz
Vera Sylvia Ferreira

PERNAMBUCO

Ignez Leturzia Freire La Greca
Janice Lins e Silva
Myriam Ciarlini Marinho de Souza
Sara Mutchinik

PRÊMIOS

1.º *Prêmio*:

1) — Prêmio Ministerio da Educação
Bolsa de estudos na Europa
2) — Prêmio "Estado da Bahia", Cr$ 50.000,00
3) — Tournée remunerada pelos Estados do Brasil, sob os auspícios da Cultura Artística do Distrito Federal.

2.º *Prêmio*:

Prêmio "Reitoria da Universidade da Bahia" Cr$25.000,00.

3.º *Prêmio*:

Prêmio "Cidade do Salvador", Cr$20.000,00.

4.º *Prêmio*:

Prêmio "Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, Cr$10.000,00.

5.º *Prêmio*:

Prêmio "Associação Baiana de Arte", Cr$5.000,00.

Prêmio Especial:

Cr$5.000,00 em músicas a escolher, para o pianista baiano melhor classificado. Oferta da casa "MÚSICAS ARANY".

Convento de N. S. da Piedade (Maurice Rugendas)

Em Salvador hà 100 ANOS!...

o Banco da Bahia iniciava suas atividades!

Meados do século XIX. Um novo estabelecimento abre suas portas, numa rua central, atraindo a atenção dos habitantes da cidade. Era um banco, o Banco da Bahia, autorizado por decreto de S. Majestade, o Imperador D. Pedro II, em 3 de Abril de 1958.

Um século se passou. A economia brasileira ganha novas condições, e um ritmo acelerado. Modernos métodos de agricultura substituem o braço escravo, ao mesmo tempo que se opera a revolução industrial.

Servindo à Bahia, berço das nossas melhores tradições e um dos esteios da economia brasileira, o Banco da Bahia tem-se feito presente em tôda a trajetória do Brasil no panorama econômico mundial.

BANCO DA BAHIA S. A.

o primeiro banco particular a completar 100 anos

COLABORADORES

A ASSOCIAÇÃO BAIANA DE ARTE, mencionando nominalmente tôdas as colaborações que recebeu, sem as quais seria difícil, senão impossível a realização do 1.º CONCURSO NACIONAL DE PIANO, externam o seu mais profundo agradecimento, nesta página:

AO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA
REITORIA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA
SEMINÁRIOS DE MÚSICA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA.

Â IMPRENSA:

A TARDE
DIÁRIO DE NOTICIAS
O ESTADO DA BAHIA
BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA
JORNAL DA BAHIA

ÂS ESTAÇÕES RADIOFÔNICAS:

RÁDIO EXCELSIOR DA BAHIA
RADIO CULTURA DA BAHIA
RÁDIO SOCIEDADE DA BAHIA
RÁDIO SOCIEDADE DE FEIRA DE SANTANA
RÁDIO ITAPARICA

ÂS FIRMAS COMERCIAIS:

A LÂMPADA
A MODA
AGÊNCIA CONDE
ÁGUAS ITAPARICA
BANCO DA BAHIA S/A.
BANCO ECONÔMICO S/A
CASA DE MÚSICAS OSCAR IRANY — do Rio de Janeiro
CASA DA MÚSICA
COMPANHIA DE ENERGIA ELÉTRICA DA BAHIA
DROGARIA E FARMÁCIA CALDAS S/A.
FRATELLI VITA INDUSTRIA E COMÉRCIO S/A
KRAUSE — JÓIAS
LOJA DUAS AMÉRICAS
LOJA OS GONÇALVES
MESBLA S/A
MOINHO DA BAHIA S/A
MORGENROTH LEONI & CIA. LTDA.
MÓVEIS ARTE & CIA.
SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL S/A.
SUERDIECK S. A.

AS AGREMIAÇÕES CULTURAIS E INSTITUIÇÕES:

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA
INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA
INSTITUTO FEMININO DA BAHIA
ORGANIZAÇÃO DE AJUDA À MULHER
SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA DA BAHIA

E ÂS ILUSTRES FAMÍLIAS BAIANAS QUE HOSPEDARAM OS CANDIDATOS OU LHES FACULTARAM PIANOS PARA ESTUDOS:

ANTÔNIO BALBINO DE CARVALHO
ANTONIO CARLOS MAGALHÃES
ANTONIO GOUVEIA
ARNOLD WILDBERGER
AUGUSTO MASCARENHAS
AVIO DE FIGUEIREDO BRASIL
BRAZ BARTILLOTTI
DEMETRIO TOURINHO
EDGARD PIRES DA VEIGA
ELIETE BRIM
ESTACIO GONZAGA
ESTACIO DE LIMA
ERWIN MORGENROTH
EVERALDO CUNHA
FERNANDO ALMEIDA
FERNANDO SÃO PAULO
GERALDO SUERDIECK
GUSTAVO MAIA
HÉLIO FERREIRA MACHADO
HENRIQUETA CATARINO
HERMANN OVERBECK
HERMES PADILHA
HOSANNAH DE OLIVEIRA
JAYME BALEEIRO
JOAQUIM BARRETO DE ARAUJO
JOAQUIM HORTELIO
JOÃO MELRO
JOSÉ AUGUSTO BARBOSA
JOSÉ COSTA LINO
LUIZ BASTOS
LUIZ PINTO DE CARVALHO
MARIA BACELAR BARTILOTTI
MARINO AMADO MATTOS SOUZA
MANOEL JOAQUIM DE CARVALHO
MANOEL JOSÉ PEDROZA
NILO SIMÕES PEDREIRA
NEWTON AZEVEDO
PAULO MACHADO
PRESCILIANO SILVA

RENATO ALMEIDA
RENATO CARVALHO
ROBERTO KEIBEL
RODOLFO SPINOLA TEIXEIRA
RUY CARNEIRO
SEBASTIAN BENDA
TILEMONT FONSECA ANDRADE
URSULA MARTINS SILVA
WALDEMAR COSTA
WALDEMAR TOURINHO
WALKE ARAUJO

E AOS DELEGADOS DA ASSOCIAÇÃO BAIANA DE ARTE, NOS DIVERSOS ESTADOS DO BRASIL:

Prof. MARINA FIORI SANT'ANA — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Prof. FERNANDO CORREA DE AZEVEDO — Curitiba — Paraná.

Pianista ANA STELLA SCHIC — São Paulo.

Prof. ECLÉA RIBEIRO — Distrito Federal e Estado d Rio de Janeiro.

Prof. ANGÉLICA DE REZENDE GARCIA — Belo Horizonte — Minas Gerais.

Prof. WALDEMAR DE ALMEIDA — Recife — Pernambuco.

Prof. ORLANDO LEITE — Fortaleza — Ceará

Prof. GUMERCINDO SARAIVA — Natal — Rio G. do Norte.

SÍLVIO DEOLINDO FRÓES

Sua época e sua obra

Pinto de Carvalho

Muita gente existe na Bahia que, imagina que nesta bendita terra de Todos os Santos, Cidade do Salvador, jàmais houve o mínimo conhecimento da música, nunca tendo havido qualquer sinal de desenvolvimento musical.

A realidade é muito outra. A Bahia teve áureo período de desenvolvimento musical, fulgurando então grandes nomes de musicistas exímios. Possuíu adextrada orquestra, que dispensava as companhias de ópera de trazer para cá músicos alienígenos. E nunca deixou de fazer vigorosas tentativas de constituição de outras orquestras. Cópia de professores de vários instrumentos, grandeza e fulgor de bandas marciais. Nunca se devera esquecer o que foi a banda musical da polícia· especialmente quando sob a muito talentosa direção do insígne e inolvidável Maestro Wanderley. E assim por diante. Conheci na intimidade vários músicos, — e não eram dos de primeira linha, — que liam a pauta com a mesma facilidade e o mesmo desembaraço com que lemos nós outros as páginas de um livro.

Não me cabe, por deliberado propósito, nestas linhas, escritas para o album do Primeiro Concurso Pianístico Nacional, promovido pelos inteligentes cuidados da percuciente gente da ABA, fazer o histórico do que foi a música entre nós. Falta-me para tanto o indispensável tempo e lazer, se não a erudição musical formalmente contingente para tão vasta tarefa. Quero apenas pôr em foco aquela época positivamente áurea para a música baiana, em que pontificou sem contraste o por assim dizer genial talento de SILVIO DEOLINDO FROES, astro de primeira grandeza nos fastos da música, já não direi simplesmente baiana, se não brasileira. Isso pelo consenso dos competentes, aqui e fora daqui.

Não estava só. Nem fôra tal possivel. Tinha a seu lado uma pléiade gloriosa de excelentes musicistas, de alto valor e grande proficuidade, dentre os quais salientei os nomes de Alberto Muylaert, Remigio Demenech, Maestro Wanderley, *Manoel Augusto dos Santos e vários outros, todos esforçados mestres que se ocupavam exclusivamente da música, produziam, compunham, ensinavam, despertavam o gosto na sociedade, tornando-se assim dignos da mais alevantada e justa gratidão. Todos, porém, gravitavam, em verdade, em torno da figura central e olímpica de Deolindo Fróes, que era de fato o sol, o centro, fonte de luz e calor, daquela muito luminosa constelação. Com a sua larga experiência, com o sua genialidade, com a sua cultura omnímoda, que a todos os seus íntimos espantava e dominiva, com a sua larga visão artística, com o seu temperamento extranho e radicalmente musical, sonhador e despido de quaisquer vaidades, a todos empolgava, a todos inspirava, a todos dirigia, embora sem pretensão a dirigir coisa alguma. Era uma espécie de semi-deus, que vivia nas margens do Olimpo, lu-*

minoso, sábio, ao mesmo tempo que modesto e encantador. Tal a sua excelsitude no capítulo da inteligência e da cultura, muito particularmente da música, que, não fosse a Bahia terra avessa nem sei por que à consagração dos seus homens ilustres pelo mármore ou pelo bronze, Fróes, que foi expoente incontrolável de tudo isso, já de há muito teria a sua estátua, ou, quando menos, a sua herma em praça pública na terra do Salvador.

Nascido num ambiente substancialmente musical, tendo tido em meios europeus, principalmente francêses, vasta educação no mesmo sentido, discípulo dileto e grande amigo do notável Widor (Charles Marie Widor), mestre dos mestres no órgão, tornou-se Fróes uma criatura exclusivamente interior, sempre mergulhado nos sonhos de ideal harmonia, o que o tornava ensimesmado e como que fóra do mundo. Por tudo isso, ainda acrescido de um conhecimento universal de todos os departamentos da ciencia humana, — matemático, engenheiro, versado em assuntos vernaculistas, — veio a ser, como já disse e escrevi eu próprio mais de uma vez, verdadeiro símbolo *entre nós. Transformou-se em excelso virtuose do piano, mais ainda do órgão, que tão raros cultores tem tido em terras baianas. Dêle disse uma feita o exímio mestre Barreto de Aviz: — "O iustre virtuose e compositor baiano, Silvio Deolindo Fróes, é um artista perfeito... Onde é admirável como virtuose é no instrumento por excelência, o mais difícil de todos, o órgão.* Há organistas superiores a Fróes? No Brasil não conheço nenhum... *Ocupa lugar superior entre os organistas do velho e do novo continentes".*

Tal o homem. Viveu eternamente num mundo exclusivamente interior, feito de sonhos musicais, de grandeza, de bondade e de amor. Como Eça, bem poderia dizer de si mesmo: — "Pertenço todo à arte". *E com muita justeza aplicar-se-lhe-ia o proposto epitáfio para Paul Arène:* — Parto com a alma encantada por ter sonhado minha vida".

Além de tudo isso, brilhante mestre e profundo compositor, como direi em pouco. Na convivência mantida com os maiores músicos da França teve muitas das suas composições levadas nas melhores orquestras parisienses, como a Colonne, Lamoureux, Henri Herz, Maison Musicale, Sala Pleyel, etc.

O mesmo no Rio de Janeiro, onde privou com os mais acatados mestres, do quilate de Francisco Braga e Alberto Nepomuceno. Tendo chegado este último a pensar em fazer de Fróes diretor do Instituto Nacional de Música, tão elevado era o conceito em que o tinha.

Para completar a magnitude da sua personalidade, foi criador de uma casa de ensino musical, o Instituto de Música da Bahia, do qual foi o orientador máximo, o guia, o amparo, até os derradeiros dias da sua existência.

Excelso e profuso compositor foi êle, escrevi eu. Prova-o o número extraordinário da sua obra musical, que continúa a impor-se ao apreço e à admiração dos competentes. Seja arquivado aqui simples escorço, talvez incompleto, da farta produção de Fróes.

Sua primeira composição, feita quando ainda muito jóvem, mas que gostava de evocar nos momentos de recordações miríficas, foi simples melodia, muito simples e ingênua mesmo, a que denominou de "Música dos anjos".

Veiu em seguida a interminável série, sempre com a mesma elevação de vistas e igual sabedoria na composição:

Para piano: — Música dos anjos; Petite suite para piano; Capriccio para piano; Paisagens tropicais, voix du soir, oiseau

mourant; O que diz a selva ao mar; O que o mar responde à selva; Suite tropical; Prelúdio; Voix du matin; Rafale; Plainte de la vieill earbre; Après-midi dans la clarière; Bal des feuilles mortes; Dimanche au vilage; Dança negra; Marcha fúnebre; para 2 pianos; Sonata para piano.

Para órgão: — Souvenir de vieilles gens (poema sinfônico, levado no Municipal do Rio, com grande sucesso, sob a regência de Francisco Braga).

Para canto: — Fleur mourante; Évocation (levada em Paris); Un petit cimetière; La sirenetta; Mattinata; Melopéa; Romanza; Lenda de D. Sancha, para canto e orquestra. Aliás, muitas dessas composições tiveram acompanhamento por orquestra.

Sonata para violino e piano. Sexteto em fá sustenido menor. Sinfonia em si bemol menor. Vários arranjos para quatuors, sextetos, quintetos, harmônio, orquestra, — de romances de Schumann, Schubert, Grieg. — Esboço de duas óperas: — A queda de Babilônia e Evangelina.

Afora eventualmente outras obras de que me não recordo no momento, ou que escaparam à minha observação, ou deixaram de chegar ao meu conhecimento.

Está-se a ver quão numeroso e de primeira ordem a produção musical de Silvio Deolindo Fróes, sendo para notar que muitas das suas composições foram ouvidas e aplaudidas em Paris, nas salas Pleyel, Colone, Lamcureux e outras.

As múltiplas atividades de Fróes manifestaram-se repetidas vezes na Bahia, especialmente em seguida ao seu regresso da Europa, onde viveu e residiu durante anos a fio. Além do ensino de piano e de teoria musical, além dos seus labores no Instituto de Música, realizou entre nós inúmeros concertos, de piano, conjuntos, violino, harmônio, culminando com as realizações orquestrais, que tiveram o seu climax nas audições da Arlésienne (na íntegra), de uma sinfonia de Mendelssohn e outras.

Viveu o nosso rincão dias gloriosos no capítulo da música, como o atesta a história. E foi Silvio Deolindo Fróes o protótipo da maior época desse fulgor musical, tornando-se para nós o símbolo máximo da música e do desenvolvimento artístico. Símbolo e incontrastável glória para a Bahia e para o Brasil, que honrou e dignificou.

Sobejas razões para que não deixasse de figurar seu nome e referências, embora sucintas, à sua vida, à sua época, assim como à primacial influência que teve na vida musical da Bahia, num album como este, onde se concretisam e expõem os essenciais elementos do próximo Primeiro concurso nacional de piano na Bahia. *Concurso esse promovido, em boa hora e magnífica inspiração, por essa nóvel instituição artística últimamente criada entre nós, — a* ASSOCIAÇÃO BAIANA DE ARTE —, que *vai dar alto relevo ao nível musical em nossa terra, dela fazendo centro de arte no Brasil inteiro. Esplêndida e patriótica resolução, cujo êxito já se anuncia magnífico, como fôra de esperar de uma agremiação de arte sob a inteligente e sábia direção de* Maria Augusta de Oliva Morgenroth, Hebe Machado Brasil (Carlota Xavier) *e* Nair Novais.

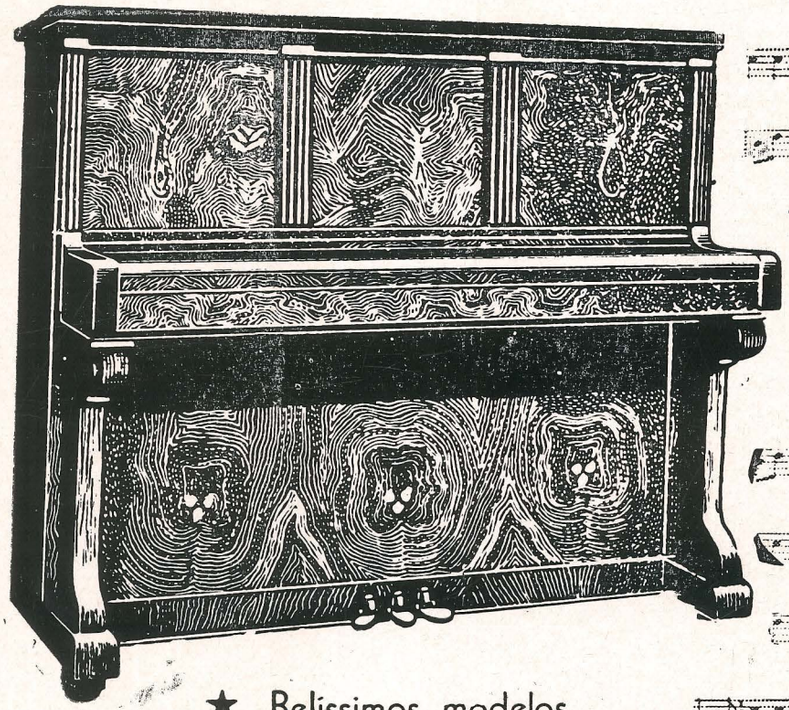
Pois bem. Num empreendimento de tão extremado relevo e de tal maneira ligado ao bom nome da Bahia, não fôra justo deixasse de ser lembrada, com a devida veneração e o justificado orgulho, a figura excelsa e ímpar de SILVIO DEOLINDO FROES, *o pontífice maior da música em nossa terra. O que explica e justifica a inclusão no album do Concurso destas glorificadoras linhas.*

Bahia, Setembro de 1958.

PIANOS

ESSENFELDER

consagração da
qualidade e da beleza



★ Belissimos modelos.
★ Som puro... incomparável.

MESBLA

Para revenda ou distribuição no interior,
queira dirigir-se à Filial ou Escritório mais próximo.

Av. Frederico Pontes, 98, 102:104

Qual dos Gigantes, Vivo, se erguerá?

ÁVIO BRASIL

Às Sras. Hebe Machado Brasil,
Maria Augusta de Oliva Morgenroth,
Nair Alves Novais.

CONCURSO é uma dessas expressões que se parecem com as coisas que se encontram em todos os lugares: pão, automóvel, mulher...

Na antiguidade ou na vida atual, nas artes ou nas ciências, e em tôdas as línguas, o termo é visto, garboso, petulante, positivo e impostor... Sério, embora muitas vêzes a sua seriedade seja ludibriante aparência tão precisa para atraír como fruto no alçapão ou banda de música no corêto. O que vale e se pode mesmo afirmar é a sua imensa penetração em tudo, como os cultos, as seitas, a política.

Mas, por que? Porque faz parte da vida, na luta que a Vida obriga a cada um para se sobrepôr aos demais e sobrexistir. Porque só se existe ou só se sôbrexiste, quando se sôbrepõe. Existir sem sôbrexistir, será subexistir... E subexistir é quase inexistir...

O concurso está em tudo, apesar de, nem sempre com o critério devido e indispensável à confiança de que necessita.

Vemos, *verbi gratia*, os de beleza, desde a Grécia remota Os atenienses, artistas adoradores do belo acima de tudo, elegeram não sòmente mulheres bonitas, mas os homens formosos, também. A êsses certamens, os gregos chamavam *kalisteia*. A evolução, no gôsto das bonitezas, trouxe o costume até os nossos dias, ao extremo de os homens tentarem escolher, como tentaram, na Babilônia, levantar uma tôrre que espetasse o firmamento, os homens promovem escolher a mais bela do Mundo. E vêm escolhendo. Mas, na verdade: será? A escolhida, cada ano, é mesmo a mais formosa? Quem sabe?

Foram os gregos, ainda, que instituiram os concursos artísticos. No século de Péricles, apareceu o primeiro: de pintura. E, como quisessem erguer uma estátua de Venus, instituiram um concurso para o qual se apresentaram Agoracrite e Alcamène, alunos de Fídias, vencendo o primeiro. Seguiram-se outros concursos de escultura e de arquitetura. A Itália, por volta da idade média, reavivou os concursos, e em Florença, se destacou aquêle em que se apresentaram Celini, Bologne, Dante e Amanati.

Bem. Se, porvenutra, eu fôsse pesquisar e referir as variadas espécies de concursos, para, como se estivesse defendendo uma tese de concurso, mostrar como êles se apresentam em

tudo, iria falando sôbre os concursos-exposições de animais, êsses em que entram instituições caninas de tôda sorte — cachôrros-homens e vice-versa e outros quadrúpedes; os aquáticos; os agrícolas; os esportivos, como aquêle em que o Brasil conquistou, o ano passado, o campeonato mundial de *foot-ball*, com êsses homens que ficaram valendo milhões: Pelé, Zagalo, Garrincha... Depois apresentaria, na filosofia, o *concurso Divino,* que os escolásticos chamaram à presença de Deus no movimento da matéria (como se Deus não estivesse em todos os movimentos e em tôdas as coisas) e que constituio uma das grandes preocupações de S. Tomás de Aquino. No direito administrativo, há concursos para o Estado adquirir as coisas; no comercial, quando os credores em uma falência apresentam suas contas creditórias; na política, as eleições são concursos para escôlha dos melhores para os apelidados cargos eletivos: Presidente da República, Governadores, Prefeitos... No magistério público, as cátedras, como na política, muitas vêzes preenchidas pelos piores, são à base de concursos...

* * *

Ninguém, de 1952 a 1958, há sido mais esquerdo à escôlha de valores pelo sistema de concurso, do que eu. Tenho, disso, a lição arrepiante do enforcado que se salvou, muito embora eu seja, no caso, o que não se salvou. Num país em que a Democracia não é o que se propala, mas uma luta de homens que se dizendo *políticos,* empenham, além dos objetos empenháveis, os inempenháveis, como honra e alma, ao galgamento dos postos mandativos, não há nada em que a política não esteja presente com os seus desobstáculos: eliminando valores obtidos pelo estudo e pela concentração meditativa das teorias e dos fatos, para dar lugar aos que *estudam* a fórmula de não estudar, a política é, no Brasil, a grande enterradora de idèais, a coveira maior de sublimes esperanças, quando não é a causa de desagregamentos e desuniões entre os homens.

É por causa da política intrometida nesses certamens do espírito ou do saber, que eu sou contrário aos concursos, por desacreditar na sua seriedade. Mas o que a "Associação Baiana de Arte" organizou, não é, pròpriamente, um *concurso,* mas um *congresso,* segundo o radioso expressar do prof. Edgard Santos. E, de fato, isso que essas senhoras, em tão feliz momento promoveram, na Bahia, inspiradas em sadios propósitos, está bem longe de ser uma comédia de disputar cátedra ou pôsto eletivo, porque o vencedor, agora, não é conhecido prèviamente. Êle será o que se sobressair nessa grande competição de Arte.

De Arte... de Arte que é como o paraíso celestial ou a selva dantesca — "Perdei tôda esperança, oh! vós que entrais..." — ótima para uns, péssima para muitos, e de que ninguém volta...

Certamen, concurso, congresso pianístico: Joel, Fany, Sônia, Odete, Arthur, Fernando, Heloisa, Lenice, Lina, Sônia Maria, Vicky, Luiz, Ruth, Isis, Edmundo, Suzana, Maria Yedda, Antonio, Ignez, Janice, Sara, Myriam, Eliana, Marluze, Norma, Velma, Estella, Edda, Ezequiel, Eico, Fernando, José Eduardo, Laís, Maria Eliza, Norma Sylvia, Sônia Alves e Vera Sylvia... tocando!

E eu, muito baiano, me pergunto a mim mesmo, parodiando o meu poeta de cabeleira ao vento:

— Qual dos gigantes, vivo, se erguerá?

50 ANOS

Joias de qualidade e bom gôsto, garantidas por uma tradição de

KRAUSE JOIAS

Ao comemorar o auspicioso acontecimento que é o seu 50 aniversário de existência, resolveu homenagear sua tradicional clientela. E oferece, *outrossim*, nos meses de junho e julho, toda sua maravilhosa coleção de joias, relógios e pedras preciosas de mais fino lavor, a preço de aniversário.

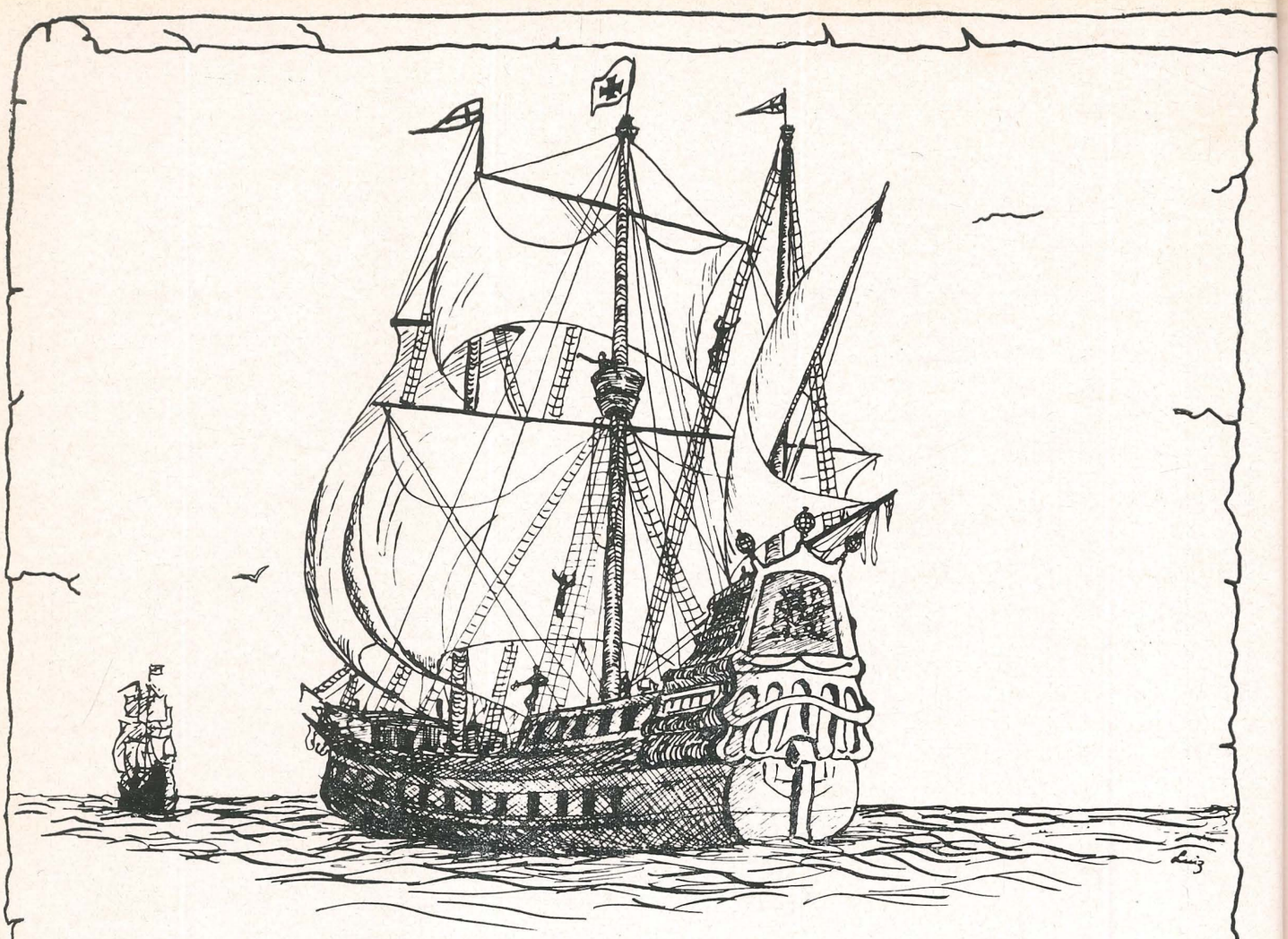
Eis a que oportunidade. Vá admirar na Joalheria onde o Brasil é grande a soprar a 50 anos.

1908 KRAUSE 1958

Sinônimo de tradição, qualidade e bom gôsto.

JOIAS

RIO: Rua do Ouvidor, 152 - Av. Copacabana, 710-A
SALVADOR: Rua Conselheiro Dantas, 19
RECIFE: Rua 1º de Março, 34



Na Bahia aportaram as náus de Cabral...
Na Bahia se consolidou a independência do Brasil...
Na Bahia funcionam os seminários de música do país...
Na Bahia se realiza o 1º Concurso Nacional de Piano...
Na Bahia se localiza a séde do...

BANCO ECONOMICO DA BAHIA, S. A.
— a mais antiga instituição de crédito do país —

com 75 Agências nos Estados de Alagôas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal,

Que também é pioneiro no campo de suas atividades.

BANCO ECONOMICO DA BAHIA, S. A.
Matriz: Praça da Inglaterra, 2 -Salvador
Sucursal Rio: Rua da Assembléia, 80
Sucursal São Paulo: Rua 3 de Dezembro, 40

Notas à Margem da Música na Bahia

CARLOTA XAVIER

Quando, no início do século XVI, Cabral, olhando o céo azul destas bandas do outro continente do Atlântico, viu gaivotas revoluteando no espaço, e percebeu que se aproximava de terras fora de qualquer cogitação dos mapas da época, êle trazia, como advertência inconsciente do Destino, na pessoa dos religiosos franciscanos da sua nave, dois musicistas. Se Frei Henrique Soares não o era, Frei Pedro Meo, corista de relevo em Portugal, tinha a companhia de Frei Mafeu, um organista incomparável.

E, dessarte, com o Brasil nascendo na Bahia, a Bahia teve a fortuna também, de ouvir os primeiros acordes musicais vibrados com a técnica das composições meditadas e entoadas pela voz daqueles dois frades, que acompanharam, no dia 1.º de maio de 1500, a primeira Missa. Êstes foram os primeiros sons musicais escutados na Bahia.

A música religiosa penetrou, profunda, no coração dos nativos. Os jesuitas se aproveitaram dêsse campo da sensibilidade dos indígenas e, pela música, iniciaram a catequese, atraindo o atentar dos selvgens.

A música religiosa, pois, com a sua expressividade tocante ao coração dos homens, se foi infiltrando e arraigando na alma sentimentalista do povo de nossa terra, que a história abriga notícias de inúmeros compositores sacros.

Rui, com aquêle seu pensamento de sábio e de vate, dizendo sôbre a Bahia — "primeira entre as primeiras, do espírito, da bravura e do saber" — incluío, nesse *espírito,* a alma, o sentimento, a emoção pelas coisas belas e grandiosas. Castro Alves, o excelso cantor dos escravos, não foi menos, com a sua lira, "compondo" versos, do que o maior musicista da poesia brasileira.

Teve a nossa terra o privilégio de ser o berço da Música, como o foi do Brasil, e nela se representou, pela primeira vez, o drama sacro de autoria de Anchieta, "O Mistério de Jesus". Dêste primeiro *auto,* vieram outros que contribuíram para o início da educação musical do Brasil primitivo.

Em 1552, D. Pedro Fernandes Sardinha trouxe à Capitania da Bahia, para o colégio dos jesuitas, um mestre capela, cujo nome é até hoje desconhecido. Foi êle o primeiro professor de música, no Brasil, não possuindo, porém, nenhum dote para a Arte, o que levou Fernandes Sardinha a escrever a D. João III, solicitando que suprisse a lacuna. E S. A. aquiesceu na vinda de Francisco de Vacas, pois seu valor de músico e cantor era notório e, além do mais, tinha vocação sacerdotal, em cuja

carreira foi aceito e mais tarde foi cônego e *chantre* da Catedral baiana.

Só em 1818, pela "Carta Régia", Dom João VI fez que a música enveredasse por caminhos mais promissores: ordenou S. A. a criação de uma Cadeira de Música nesta Capitania, nomeando para rege-la, a José Joaquim de Souza Negrão. Em manuscrito feito ao Conde de Palma, então Governador e Capitão General da Bahia, ficou assim instituida a primeira Cadeira para lecionar a arte que era "tão cultivada pelos povos civilizados em tôdas as idades e tão necessária para o decôro e esplendor com que se devem celebrar as funções do Culto Divino." (1)

Dêsse período em diante se iniciou uma fase esperançosa para a Música, que já contava com inúmeros adeptos.

Como todo início, teve ela a sua infância agreste. Aqui, nesta boa terra, *mater do Brasil*, fértil pela riqueza primitiva de seus frutos e de sua gente, a Música folclórica brasileira se originou. E orígem de primeira grandeza, pois se desdobrou por todo o País, sendo até hoje, cantado e decantado o seu tesouro. Aqui nasceram a *Modinha*, a *Tirana*, o *Lundú*, os *Bailes Pastoris*, e tantos e tantos ramos do folclore. Os canoeiros e barqueiros se serviam das *tiranas* para atraírem os peixes do mar. E até os nossos dias perdura o rito dos pescadores que entoam canções durante a festejada pesca do *xaréu*.

Houve tempo em que música sacra e popular se deram as mãos e abundavam em todos os recantos em que houvesse festas de rua ou de igreja. E os homens ilustrados da época, como João Veiga Murici, J. G. dos Santos Reis, Olimpio Deodato Pitanga, Padre Maximiano Santana e muitos outros escreveram *bailes pastoris*, com adaptações de óperas. Com essa espécie de música comemoravam as festas natalinas, as noites de Reis, em serões familiares de trascendental história. E a música primitiva se foi desdobrando, de sacra à popular, e, mais tarde à pura música, ou, que outros chamam de *erudita*.

Do agreste cenário de cultivar ignorantes passou ela às reuniões familiares, às festas de igrejas, aos salões elegantes. Não havia reunião social, por mais íntima, que a rainha das artes não fosse convidada e não estivesse presente. Seu estudo foi imprescindível aos jovens daquela época. Manuel Querino, que tanto estudou as artes de nossos primeiros tempos, observa que "era uma raridade encontrar-se um jovem que não tocasse um instrumento qualquer, especialmente a flauta." (2)

OS SACERDOTES E A MÚSICA

Aos sacerdotes católicos a arte musical, no Brasil, tem um grande débito. Êles desdobravam suas horas de estudo, na pesquiza e no aperfeiçoamento de uma arte pura como as coisas do céo. Dentre os vultos de mais fulgurância, que do burel transmitiam a sua sensibilidade musical, vemos a figura de Frei Euzébio da Soledade (1629 a 1692) considerado o primeiro músico notável que a nossa terra abrigou. Aqui nasceu e cultivou seus dons artísticos, quer como intérprete, ou como compositor. Possuía muita inspiração e, por isso, foi apelidado de *O Inspirado* Irmão de Gregório de Matos, poeta satírico e de saudosa memória na poesia brasileira, Frei Euzébio da Soledade, cujo nome de batismo foi Euzébio de Matos, era, segundo Renato Almeida, *"a única figura de músico que se pode citar."* (3) Discordamos,

entretanto, da opinião do ilustre historiador, pois, na época em que viveu Frei Euzébio da Soledade, prematura para o progresso da Música, houve outros nomes que, como êle, dígnos de serem referidos. O próprio Renato Almeida, aliás, fala de Frei Antão de Santo Elias e de Frei Francisco Xavier de Santa Tereza que, na companhia de Anchieta, Navarro e Álvaro Lobo, instituíram a escala tonal e diatônica, de sete gráus, na Bahia. (4)

No século XIX, os Padres Henrique José da Fonseca (1844), Jerônimo Pinto Nogueira (1854), José Pinto d'Oliveira Santos (1888) Frei Antônio do Patrocínio Araujo (1876) e Maximiano Xavier de Santana, se dedicaram abundantemente ao estudo e à composição da música religiosa e de hinos.

No século XX vemos, com satisfação o interêsse que os sacerdotes dispensam à Música, ressaltando-se nesse panorama a figura de Frei Pedro Sinzig O. F. M. de tão saudosa memória. Não sendo êle baiano, aqui viveu, durante muito tempo, lecionou música no Instituto de Música da Bahia, recebeu suas ordens sacerdotais e devotou inteiro amor à terra. Depois a figura imponente de Padre Luiz Gonzaga Mariz, compositor, regente e historiador, fundador de uma Orquestra Sinfônica em 1944, lutando com sérias dificuldades que não pôde superar.

SÉCULO XVIII E XIX

No século XVIII, o recôncavo baiano foi berço de um sem número de musicistas que, para a cultura da época, revelaram talento e profícuo trabalho. Cachoeira, Maragogipe, Santo Amaro, Itaparica, Nazaré deram à Bahia nomes ilustres que vivem hoje no triste e solitário registo da história. Dentre êles encontramos os vultos insígnes de José Pereira Rebouças, maragogipano que brilhou durante o período de 1789 e 1843. Violinista, maestro, possuíu êsse baiano a glória de uma ajuda do Govêrno para ir à Europa. E seguio, dessarte, o primeiro brasileiro a buscar no Velho Mundo, a centêlha do aprimoramento da Música. Percorreu a França e a Itália, onde se aprefeiçoou com Beriot e obteve o diploma de *maestro,* após se aprofundar "contraponto" e na "harmonia". Falava bem alto, nessa fase, a vontade de conhecer, de penetrar nos complexos teoremas da Música e, por isso, Rebouças se empenhou junto à Côrte, afim de conseguir o financiamento de seus estudos na Europa. Regressando à Bahia, foi êle nomeado pelo Arcebispo desta Cidade, mestre de Música do Seminário, recebendo, onze anos mais tarde, o diploma de Músico honorário da Câmara Imperial, por haver composto o Hino da Coroação e Sagração de D. Pedro II.

A capital baiana, chamada por todos, nestes dias, a gloriosa Cidade do Salvador, também deu ao cenário artístico elementos de primeira grandeza. Encontramos os nomes de Domingos Rocha Mussurunga (1807 a 1856) que possuía títulos extraordinários, quer como homem de letras, latinista e poeta, quer como essencialmente musicista. Fundador do *Liceu da Bahia,* em 1836, ali regeu a cadeira de música e, em 1949, enviou à Assembléia Legislativa um memorial em que elaborou os Estatutos de um Conservatório de Música, na Capital da Bahia. Sua obra avulta missas, credos, te-deuns, coleção de valsas, etc.

No século XIX a Bahia foi o segundo centro musical do Brasil, quando o Teatro São João se encontrava na sua fase áurea. Em 1845, visitou esta terra a primeira companhia lírica,

dirigida pelo maestro Antognini e em cujo elenco tinha a *prima dona* Adelaide Tassini Mugnay. (5) Essa visita chamou outros importantes conjuntos líricos a realizarem temporadas no saudoso Teatro. E, com essa evolução da música, no ramo lírico, alguns elementos das companhias se foram deixando ficar na boa terra, o que, sem dúvida alguma contribuío para o verdadeiro clima artístico que tivemos no século XIX. Agnese Truici Murri, italiana, aqui deu aulas de canto e inspirou forte paixão ao nosso maior poeta, Castro Alves. Em 17 de setembro de 1849, foi criada pela Lei n.º 352, a Banda de Música da Polícia, contando apenas com um mestre, seis músicos de primeira e vinte e um das segundas, terceira e quarta classes. Nesse campo, vimos a figura do maestro Wanderley, que regia com entusiasmo os músicos da Polícia.

Nessa metade do século XIX, a figura do nosso patrono — Sylvio Deolindo Frois, se sobreleva dos demais. Dêle disse Barreto Aviz "um artista perfeito, o primeiro entre uma família de músicos. Um nome, um nome só, um só professor fez luz naquele cérebro durante o período de tôda a sua juventude: foi sua mãe!" (6) Iniciado na música por sua própria progenitora, seguio mais tarde para a Europa, onde cursou piano, harmonia, contraponto e composição com Charles Marie Widor e viajou por tôda aquela parte do mundo, cujo progresso na cultura musical já era evidente.

À frente dos destinos do Instituto de Música da Bahia, que êle mesmo fundou, tendo ao seu lado a maestrina e compositora Zulmira Silvany, Deolindo Frois impulsionou a arte musical em nossa terra, contando, como contava com a valiosa colaboração de sua colega. Compositor emérito, o prof. Frois deixou grande bagagem musical, além de ter sido, ainda, um mestre exímio.

Em 1902, a imprensa francêsa assim se exprimia acerca do maestro baiano: "O Concerto de terça-feira na Sala Pleyel, não foi mais do que uma longa série de ovações ao eminente compositor brasileiro Sylvio Deolindo Frois, e aos seus intérpretes, madame Bourgerel e M. Bernard".

Companheiros do prof. Frois foram os nomes fulgurantes de Helena de Lemos Bastos, Zulmira Silvany, Luiza Leonardos, Manoel Augusto, Pinto de Carvalho, Maria Elisa Lacerda Valente Moniz de Aragão, Pedro Jatobá e outros. Zulmira Silvany, mestra de várias gerações, vive entre nós, ministrando aulas, compondo inspiradas músicas, dando, ainda, a sua parcela de colaboração à Música. Sua bagagem musical foi adquirida pela Prefeitura do Salvador, em 1955 e é vultosa.

Ao encerrarmos êstes apontamentos, repetimos as palavras vibrantes de Torquato Bahia, com as quais, ao seu tempo, fez um apêlo veemente aos Poderes Públicos, pelo progresso da cultura musical de nossa gente:

> "Já não é possível procrastinar por mais tempo a cultura estética do povo, que nesta terra, onde as artes brasileiras iniciaram os seus passos, sob tão promissores auspícios, não possui na medida das exigências da civilização e das instituições políticas, que instam pela disseminação larga e abundante da educação popular, em suas múltiplas modalidades, nem escolas de arte, nem museus

artísticos, em que possa aproveitar as suas faculdades estéticas, educar e desenvolver o gosto". (7)

Ao tempo em que viveu Torquato Bahia, baiano que amou as letras e a música entre nós, e escreveu tão significativas palavras, havia nesta cidade, apenas dois estabelecimentos de ensino musical: a Escola de Belas Artes e o Liceu de Artes e Ofícios, hoje ainda existentes, mas com finalidades outras que não apenas a Música. Não dispunham de recursos, mas possuíam, àquele tempo, um ideal grandioso pelo qual se deixaram empolgar, para que o éco de suas atividades chegasse até nós. E chegou. Porque, um rápido perpassar de olhos pelo movimento artístico atual, confirma que a evolução musical da Bahia é uma realidade. Alcançamos um período áureo neste século XX. Dois grandes baluartes aí estão: Alexandrina Ramalho, fundadora da SCAB, que há dez anos trabalha na musicalização da Bahia, e a Reitoria da Universidade que, com apenas seis anos de organizada a sua escola de música, vem elevando, sobremodo, o ensino de nossa juventude. Pela eficiência de seu Magnífico Reitor — homem de cultura e de visão amplas — que tudo oferece para o engrandecimento da Bahia e, a quem hoje, através destas linhas, rendemos as nossas homenagens pelo grande e eficiente incremento musical que tem dado a esta terra.

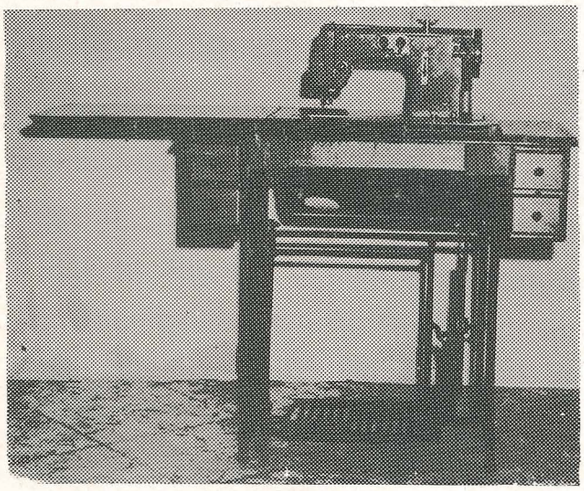
---

(1) — Carta Régia, in Manuel Querino, Artistas Baianos
(2) — Manuel Querino — A Bahia de outrora
(3) — Renato Almeida — História da Música Brasileira
(4) — in op. cit.
(5) — Silio Bocanera Jr. — Atores e Autores
(6) — op. cit.
(7) — op. cit. prefácio.

Se...

... você deseja eficiencia aliada a beleza compre esta ZIG-ZAG

SUPER VIGOR



... os mais diversos e lindos bordados sem ser necessario usar bastidor.

caseia

sérze

préga botões

... a harmonia destas linhas modernas, condiz com o ambiente de distinção de seu lar

SUPER VIGOR

um nome - uma garantia

Tudo pelo Crediario mais vantajoso da Cidade

Assistencia Mecânica a Domicilio

LOJA ÉRMOR N.° 1

Edif. Comendador Pedreira
Rua Miguel Calmon, n.° 27-A
(Comércio)

LOJA ÉRMOR N.° 2

Rua Lima e Silva, n.° 324
(Liberdade)

LOJA ÉRMOR N.° 3

Av. Frederico Pontes, n.° 292
(Calçada)

Salvador / Bahia

O Concurso Nacional de Piano

Eduardo Tourinho

Euterpe, Musa filha de Júpiter — a que, em grego, "sabe agradar" inventou a frauta e preside a Música. De tôdas as artes, é a música que reune maior número de cultores do mundo. Exilado do Olimpo, enquanto apascentava os rebanhos de Admeto, rei da Tessália, o sideral Apolo nostalgicamente cantava e tocava lira. Emulado, Pã — o alegre Pã que perseguia dríades esquivas no recesso de umbrosos bosques — a soprar a frauta tenta competir com o deus. E porque era amigo de Pã, conferiu-lhe Midas a vitória. A isso e para que, séculos em fora, todos os Midas tenham melhor ouvido, Apolo dotou o mau juiz de longas orelhas de asno. Depois, Mársias — o Sátiro — opôs sua rústica avena à lira de Apolo. Vencido, foi — vingança de um deus — esfolado vivo.

Orfeu — que aos gregos revelou o combate dos Titãs, os doze trabalhos de Hércules e o rapto de Prosérpina — fazia, ao tanger a lira, homens e feras prosternarem-se a seus pés. Para ouvir a música encantada, os rios regressavam às nascentes e o que era ódio se transformava em amor. As ninfas seguiam-no submissamente e Eurídice torna-se a querida de Orfeu. Morta à picada de uma serpente, em sua busca desce Orfeu aos infernos e às margens da lagoa Estígia, canta uma dôr sem consôlo. Comove-se Plutão e a Eurídice permite deixar o reino das sombras. Mas que durante a viagem de regresso, não a fitasse Orfeu uma só vez... O caminho era longo e êle, ansioso, volta-se para Eurídice — que desaparece para sempre. Na Trácia, querem as mulheres que Orfeu escôlha outra amada. Mas êle — roído de saudade — na lira maravilhosa a Eurídice, somente celebra e, então, é despedaçado pelas mulheres...

Músicas, bailados e cânticos marcaram — na infância do mundo as primeiras preces que se elevaram da terra à Altura. Como não ha-de a dança, o canto, a música merecer a preferência das multidões? Mas o Conhecimento avança sempre e, agora, empresta-se à música — neste século cortado de bárbaras dissonâncias — maravilhosos efeitos terapêuticos. Arte, torna-se medicina também.

Os grandes espetáculos do Som, atraem sempre. Viu-se, ha pouco, o êxito do Concurso Internacional de Piano realizado no Teatro Municipal. Em face do exemplo, como não realizar idêntico certame entre artistas nacionais? Coube a iniciativa à Associação Baiana de Arte. Aceleram-se, na pinturesca Cidade do Salvador, as providências para realização do I Concurso Nacional de Piano. A imprensa do país salienta o que de belo e de

útil encerra-se no prélio. De dia para dia, cresce o número de inscrições de candidatos. Chegam, incessantemente, à séde da A.B.A., que é na Rua Chile — a Rua do Ouvidor da Bahia — múltiplos pedidos de reservas de lugar para o Concurso. Não é a música uma mágica linguagem? Não é filigrana de sons com Bach e Mozart, dôr e lágrimas com Chopin, energia com Beethoven e Wagner, melodia com os mestres italianos, côr e sabor com Falla e Granados? Não é arabesco com Debussy e Stravinsky ?

É perfeitamente justificável o interêsse que está despertando, no Brasil inteiro, o I Concurso Nacional de Piano. Deixa prever um êxito invulgar.

Desenham-se alentadoras perspectivas. Pelo que encerra em Beleza, a iniciativa da Associação Baiana de Arte merece todo o apôio. Não sòmente aos particulares cabe prestigiá-la. Os poderes públicos não devem ficar indiferentes às dificuldades — e não são pequenas — que os organizadores dessa prova artistica têm de vencer.

Num mundo aflito, onde a Cultura mais e mais escasseia em face de problemas que ultrapassam a capacidade do homem, a realização de festivais dessa natureza torna-se, em verdade, um benefício coletivo.